



GOVERNO / Lula anuncia plano com 217 ações para reduzir a vulnerabilidade e a violência contra essa população. Entre elas, está o projeto nacional de câmeras corporais para policiais. O programa também prevê acesso à saúde, educação, cultura, entre outros

Pacote de medidas para salvar a juventude negra

» MAYARA SOUTO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, ontem, um pacote de medidas para reduzir a violência e a vulnerabilidade da juventude negra. As ações terão investimento previsto de R\$ 665 milhões. “Não podemos assistir apáticos ao extermínio da juventude negra do nosso país”, discursou.

Lançado numa cerimônia em Ceilândia, o Plano Juventude Negra Viva prevê 217 ações de 18 ministérios. A data escolhida para o anúncio marcou o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

“O plano que estamos apresentando hoje (ontem) é mais do que um compromisso de avançar em políticas que enfrentem as vulnerabilidades sociais. Estamos apresentando ações concretas para aperfeiçoarmos o que já foi feito até aqui, para assegurar que a juventude negra esteja viva e tenha acesso a segurança, educação, lazer e emprego de qualidade”, destacou Lula.

A política pública está dividida em 11 eixos que abarcam áreas como saúde, segurança, educação, assistência social, meio ambiente, esporte e cultura. Segundo a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, nas reuniões para a formulação do programa, jovens de todos os estados pediram prioridade para segurança, empregabilidade e saúde.

Entre as ações prioritárias previstas, está a criação do Projeto Nacional de Câmeras Corporais, que prevê a inserção de câmeras de monitoramento na farda e nos veículos policiais. As imagens deverão ser disponibilizadas diretamente às corregedorias e ouvidorias de segurança pública.

Há ainda a previsão de formação qualificada e cidadã dos agentes de segurança pública. As providências procuram diminuir a alta taxa de mortalidade de jovens negros em confrontos com a polícia.

“Já tem comprovação em

Ricardo Stuckert/PR



O presidente Lula no lançamento do plano, em Ceilândia: “Não podemos assistir apáticos ao extermínio da juventude negra do nosso país”

O plano em 10 atos

O programa anunciado pelo governo tem 217 ações federais, estaduais e municipais. Veja as 10 prioritárias

1 – Projeto Nacional de Câmeras Corporais

» Inserção de câmera de monitoramento na farda policial e nos veículos policiais em todo o território nacional, com imagens disponibilizadas diretamente às corregedorias e ouvidorias de segurança pública

2 – Pronasci Juventude

» Distribuição de bolsas de R\$ 500 para jovens negros terminarem a capacitação técnica de 1 ano nos Institutos Federais (IFs), como um complemento ao

programa Pé-de-Meia

3 – Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens

» Todos os programas do Ministério da Saúde terão recorte para a juventude negra. Será criado um programa específico sobre saúde mental

4 – Bolsas de estudo para concursos

» Incentivar a preparação dos jovens para prestar provas de concursos da administração pública

5 – Equipamentos de Referência em Políticas para as Juventudes

» Criação de locais como centros culturais, comunitários e espaços de formação por meio dos programas Estação Juventude, CEUs da Cultura e Convive

6 – Intercâmbios entre países sul-sul

» Investimento de R\$ 6 milhões em intercâmbios de professores e estudantes de licenciatura para a África e a América Latina

7 – Pontão de Cultura para a juventude

» Implementação de atividades culturais nas comunidades, que sejam desenvolvidas por grupos e coletivos sociais

8 – Conexão para todos

» Instalação de internet em territórios periféricos, comunidades tradicionais e espaços públicos

9 – Programa Segundo Tempo nas periferias

» Formação de jovens esportistas nas periferias, por meio do acesso a práticas corporais, atividades físicas e esporte

10 – Crédito rural para jovens

» Ampliação da linha de crédito rural do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) Jovem com foco na produção de alimentos, agroecologia e sociobiodiversidade

dados e pesquisa que com o uso de câmera corporal há redução de letalidade e vulnerabilidade quando existem operações policiais dentro de comunidades e periferias, para manter os jovens negros vivos neste país”, declarou a ministra.

Conforme a chefe da pasta, a implementação da medida está sendo articulada com estados e municípios. Até o momento, já aderiram ao projeto os governos de Amapá, Amazonas, Distrito Federal, Goiás e Piauí.

De acordo com o plano, no Ministério da Saúde, por exemplo, todos os programas terão um recorte para a juventude negra, além de ser criado um projeto específico sobre saúde mental para essa camada da população.

“Desde a transição [do governo], a gente tem sido procurado pelo movimento negro para dar uma resposta imediata à saúde da população negra. A saúde mental era o carro-chefe. Muitos jovens nos procuraram para isso, porque tem aumentado muito (30%) o número de suicídio dos jovens negros nos últimos quatro anos”, explicou Anielle.

Em relação a emprego, estão previstas ações de formação, como bolsa para preparação voltada a concurso público. Outro ponto principal é a criação do Pronasci Juventude (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania), que vai pagar R\$ 500 para que os jovens negros conclua a etapa técnica prevista no quarto ano nos Institutos Federais.

A bolsa é um complemento para a poupança do ensino médio, o chamado Pé-de-meia, que tem três anos de duração. Para os estudantes Brian Freitas e Maria Laura Nobre, 15 anos, que estão no primeiro ano do ensino médio, essa política está sendo “uma ajuda muito boa”. “Mesmo que esteja muito oculto agora, existe muito racismo, então ter um plano sobre pessoas negras é muito interessante”, acrescenta Maria Laura, que, assim como Brian, estava na cerimônia.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Política externa virou eixo de disputa com oposição

Por força de diversas contingências, que ainda estão em movimento, e da diplomacia pessoal do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que parece enrijecida, a política externa brasileira perdeu consenso nacional e se tornou um dos eixos de disputa da oposição com o novo governo, ao lado de outros temas como segurança pública, educação, saúde e costumes, para citar os mais em evidência.

No caso da política externa, o fato novo é a ida dos governadores de São Paulo, Tarcísio de Freitas (PR), e de Goiás, Ronaldo Caiado, a Israel para hipotecar solidariedade ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, com o qual posaram sorrindo, na terça-feira, num contraponto aberto à política externa brasileira. Ontem, ao lado dos governadores

brasileiros, o ministro das Relações Exteriores israelense, Israel Katz, aproveitou a presença de ambos para novamente classificar como “antissemita” a fala do presidente Lula comparando a morte de civis em Gaza ao Holocausto. Os dois gestores visitaram Israel a convite de uma ONG e de empresários brasileiros.

Na quarta-feira, em evento de comemoração do aniversário do PT, Lula disse que a reação israelense na Faixa de Gaza se tornou uma “carnificina”, e voltou a afirmar que se trata de um genocídio contra os palestinos. Lula condenou o ato terrorista do Hamas e pediu a libertação dos reféns israelenses, assim como de palestinos presos. Não falou em Holocausto, mas reiterou o apoio à iniciativa da África do Sul, que

pediu uma investigação no Tribunal Penal Internacional sobre atos e medidas que possam constituir genocídio ou crimes relacionados. Lula é considerado pessoa non grata pelo governo de Israel.

Apesar disso, Tarcísio e Caiado foram a Israel na hora errada, porque o vento já mudou para Israel nos Estados Unidos e Europa. A revista inglesa The Economist, desta semana, corrobora essa avaliação: Israel alone (Israel sozinho), diz a manchete, cuja capa ostenta uma bandeira israelita desfraldada no deserto com as ruínas de Gaza ao fundo. Afora a infeliz citação do Holocausto, os fatos em Gaza estão corroborando a acusação de genocida feita repetidas vezes por Lula contra Netanyahu.

Segundo o analista político Thomas L. Friedman, editoria- lista do New York Times, em artigo reproduzido ontem pela Folha de S. Paulo, “devido à maneira como o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e sua coalizão extremista têm conduzido a guerra na Faixa de Gaza e a

ocupação da Cisjordânia, o país está se tornando radioativo, e as comunidades judaicas da diáspora em todos os lugares estão cada vez mais inseguras”.

Países árabes

Friedman afirma que Israel, tendo como inimigos Hamas, Hezbollah, houthis e Irã, deveria contar com a simpatia de grande parte do mundo. “Mas não conta”, adverte. Segundo ele, ninguém pode negar a Israel o direito de autodefesa depois que o ataque do Hamas, em 7 de outubro, matou cerca de 1.200 israelenses em um dia. “Mulheres foram abusadas sexualmente; crianças foram mortas na frente de seus pais, e pais, na frente de seus filhos. Dezenas de homens, mulheres, crianças e idosos israelenses sequestrados ainda são mantidos como reféns em condições terríveis.”

Entretanto, “nenhuma pessoa justa pode olhar para a campanha israelense para destruir o Hamas, que já matou mais de 31 mil

palestinos em Gaza, cerca de um terço deles combatentes, e não concluir que algo deu terrivelmente errado lá. Entre os mortos, estão milhares de crianças e, entre os sobreviventes, muitos órfãos. Grande parte da Faixa de Gaza é agora um deserto de morte e destruição, fome e casas em ruínas”.

Enquanto Tarcísio e Caiado estavam em Israel, o chanceler brasileiro, Mauro Vieira, nadava de braçadas nos bastidores da política do Oriente Médio. Ontem, esteve na Arábia Saudita, depois de passar por Palestina, Jordânia e Líbano. O dividido mundo árabe se uniu contra Israel numa cúpula extraordinária conjunta com os países islâmicos e pressionou o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Seu secretário de Estado, Antony Blinken, que esteve na Arábia Saudita e no Egito, anunciou que os EUA desejam aprovar no Conselho de Segurança da ONU um cessar-fogo imediato ligado à libertação de reféns.

A proposta deve ser votada hoje. É praticamente a mesma

apresentada por Moçambique, quando o Brasil estava na presidência temporária do Conselho. Àquela ocasião, eram três mil o número de mortos em Gaza; agora, são mais de 30 mil, dois terços mulheres e crianças. Os EUA, um dos cinco países que têm poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, vinham barrando as propostas de cessar-fogo. Mudou de posição.

Os ventos também mudaram em Washington porque a inação de Biden em relação a Israel começa a ter repercussão eleitoral e dividir as opiniões de sua base. A comunidade judaica dos Estados Unidos, que representa 51% dos judeus reconhecidos no mundo — Israel abriga 30%, mais 2% nos territórios ocupados da Cisjordânia —, deriva para a candidatura do republicano Donald Trump, enquanto Biden perde força na comunidade árabe e entre os democratas. Sabedor dessa situação, Netanyahu ignora os apelos de Biden, que não pode abandonar Israel à própria sorte. Mas tudo tem um limite.